

Nesta edição, produzida em meio à turbulência mundial, decorrente da pandemia da COVID-19, e nacional, devido à ingerência do governo Bolsonaro em relação à crise sanitária, social e financeira, a *Ars* apresenta o ensaio visual de **Camila Soato**, “Uma fuleragem pictórica”. **Soato**, recém doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV, utiliza a pintura para estabelecer uma relação conflituosa com o mundo, explicitando o desejo de ruptura com modelos de vida impostos por uma estrutura patriarcal que domina as relações dentro do sistema da arte e fora dele.

Como não poderia ser diferente em uma revista que acolhe contribuições da comunidade de pesquisadores das áreas de artes, os textos aqui reunidos exploram temas e temporalidades diversas. Entre eles, publicamos dois artigos que discutem processos históricos e permanências relacionadas às imagens tecnológicas. Em um deles, **Andréa C. Scansani** aproxima imagens fotográficas manipuladas por Raoul Ubac a experimentações fílmicas produzidas no Ateliê de cinema experimental *I’Etna*. Com isso, a autora discute procedimentos e, sobretudo, aborda a materialidade do meio cinematográfico. A obsolescência dos aparatos fílmicos, provocada pelos meios digitais, estimularia o interesse por experimentações e intervenções diretas na película, o que parece legitimar **Scansani** a aproximar os filmes experimentais realizados por Sarah Darmon, Nathalie Ménant e Frédérique Ménant às imagens criadas por Ubac. Afinal, como nos lembra a autora, os aspectos laboratoriais de pesquisa técnica e artística estiveram sempre presentes na história do cinema.

Por sua vez, **Rodolfo Ward** recupera as diferenças entre a fotografia moderna e a fotografia contemporânea pontuando os seus respectivos regimes de verdade e de poder. Elenca particularidades epistemológicas e históricas que caracterizam a produção e a circulação das imagens e revisita os binômios documental-ficcional e analógico-digital para pontuar contrastes, como no caso da produção de Steve McCurry. A polêmica em torno das manipulações digitais feitas pelo fotógrafo revelaram diversos posicionamentos na comunidade dos fotógrafos e estimularam a manutenção das fronteiras entre o documental e o artístico. As mudanças provocadas pelas novas tecnologias, mídias e linguagens suscitaram reposicionamentos, mas os campos do fotojornalismo, do fotodocumentarismo e da fotografia artística parecem persistir, mesmo que reconfigurados.

Como se sabe, tradicionalmente as efemérides favorecem reavaliações sobre os elementos motivadores das celebrações, assim como promovem consideráveis revisões historiográficas. Esse é o caso de “A Semana de Cem Anos”, reflexão de **Fred Coelho** que aponta para a centralidade excessiva do Modernismo Paulista na história da arte, que acabou por cristalizar a Semana de Arte Moderna como evento histórico de caráter nacional. O autor aponta para outras rupturas modernistas que ficaram à sombra dessa narrativa hegemônica, mas que igualmente formam um corpus reflexivo considerável.

A partir de estudos de casos de artistas europeus, **Renata Dias Ferraretto Moura Rocco** e **Mariana Garcia Vasconcellos** igualmente amplificam as perspectivas em torno da pintura moderna.

Rocco recupera debates históricos a respeito de um conjunto de pinturas do italiano Massimo Campigli e reavalia aspectos da arte moderna a partir dessa produção, que pertence à coleção do MAC USP. Da mesma forma, o texto de **Vasconcellos** observa aspectos desmaterializados da fase final da produção de Gustave Moreau utilizando-se como um de suas fortes referências as posições do próprio artista.

As circulações de agentes culturais, de mostras de arte e de objetos de decoração têm despertado o interesse de pesquisadores que procuram trazer parâmetros transnacionais para a história da arte. Nesse sentido, **Marcelo Mari** discorre sobre trocas culturais entre Brasil e Alemanha a partir da atuação de Theodor Heuberger nas cenas culturais e artísticas do Rio de Janeiro e de São Paulo durante a primeira metade do século XX. De modo particular, o artigo avalia a promoção do expressionismo alemão no contexto brasileiro e analisa a produção da *Intercâmbio*, revista que em seus primórdios incentivou a arte moderna, mas que acabou por apoiar o nazismo em seus últimos dias.

No que diz respeito ao artigo de **Vivian Braga dos Santos**, o projeto Grupo Atlas, elaborado por Walid Raad, lhe serve como modelo para pensar uma nova forma de autoria artística contemporânea, denominada pela autora de “função-historiador”. O conceito possibilitaria perceber vínculos autobiográficos e identitários nas produções artísticas contemporâneas a partir do distanciamento entre o sujeito-artista e a autoria artística. Também considerando a relevância dos aspectos histórico-biográficos na produção artística, **Leandro Colling** e **Assumpta Sabuco Cantó** analisam o trabalho de

José Pérez Ocaña como profundamente imbricado na cultura e nos rituais religiosos da Andaluzia, região em o artista espanhol cresceu, e como suas obras manifestam profunda admiração por essa tradição, ao invés de profaná-la.

Mais próximo da confluência entre a história da arte e a estética, o artigo de **Lorena Fonseca** traz a questão do tempo, tratada por Henri Focillon no livro *Vida das formas*, junto às interpretações sobre ela feitas por Hans Belting, Germain Bazin e Jacques Thuillier. Fonseca conclui que o problema das relações do tempo com a arte foi compreendido por eles de modo discrepante e sem consenso.

E, por fim, destaca-se nessa edição a continuidade do projeto de publicação de textos selecionados no edital **Diálogos com a graduação**, que foi criado com o propósito de despertar o interesse de jovens estudantes de artes e áreas correlatas pela carreira acadêmica e de aperfeiçoar a qualidade da pesquisa histórica e teórica em arte na Universidade, encorajando habilidades na escrita e a lida rigorosa com textos acadêmicos desde o nível inicial da vida universitária. A premissa do projeto é introduzir precocemente os estudantes ao horizonte da pesquisa, assegurando-lhes base generalista sólida à futura carreira profissional e, desejavelmente, acadêmica.” Entre os textos selecionados estão “A paisagem como forma simbólica: uma análise da teoria da paisagem de Anne Cauquelin”, de **Guilherme Sebastião**; “Pensar a transparência, refletir a opacidade: Tautologia e transitividade na série *Hoppe*, de Mariano Klautau Filho”, de **Lucas Manuel Mazuquieri Reis**; “O fantástico e o horror em *Mort Cinder*, de Oesterheld e Breccia”, de **Maira Pires de Castro**.